



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

“INOVAÇÃO: A COMPREENSÃO DOS ENVOLVIDOS COM O ENSINO SUPERIOR EM BRASÍLIA”

Caroline Nagel Moura de Souza - UCB

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo geral compreender os significados da inovação, no ensino superior, a partir dos atores envolvidos no processo: Universidades da cidade de Brasília, Ministério da Educação e Cultura e Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Buscou-se identificar, nas universidades da cidade de Brasília, elementos constituintes das políticas para a criação de inovações, através de seus documentos oficiais e no caso dos ministérios analisar pelas políticas, projetos e atos normativos como eles efetivamente destinam recursos e investem no desenvolvimento e implementação da temática. Buscou-se ainda compreender os potenciais e limites da Universidade no desenvolvimento do país, questionando o paradigma educacional vigente, sobretudo, na educação superior, fazendo uma relação entre educação, conceito de qualidade e perspectivas do mercado de trabalho. Procurou responder a uma necessidade atual da educação superior, qual seja a de preparar-se para as mudanças constantes e incertezas contínuas sobre o futuro e caminho do desenvolvimento e avanço econômico, social e político do país. Sendo assim, ela revelará que falta, portanto, entendimento sobre inovação na perspectiva de educação de qualidade.

Palavras Chaves: Inovação. Educação. Qualidade. Mercado de trabalho.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

INTRODUÇÃO

Criatividade e inovação são as principais palavras pronunciadas à exaustão no meio organizacional contemporâneo, a ponto de ser possível concluir que as organizações ocidentais estão vivendo o fenômeno da neofilia, o culto ao novo. Como os meios tradicionais de transformação organizacional e de maximização do lucro têm se mostrado insuficientes ou falhado completamente, o capitalismo voltou-se para a ideia de que o velho é ruim, sendo o novo sempre melhor. (SIEVERES, 2007, p. 1 Apud FONTENELLE, 2012)

É possível, então, perceber uma verdadeira obsessão com o novo e, palavras como Inovação, mudança, criatividade e empreendedorismo - são palavras de ordem dentro das grandes corporações e também fora delas. (LOPES RUIZ, 2007, p. 70 Apud FONTENELLE, 2012)

Nesse sentido, faz-se necessário entender que os termos parecem mobilizar outra ordem de sentido: enquanto o debate em torno da mudança nos remetia há um dado momento atrás, específico, de transformação organizacional, a um acontecimento com data marcada, amparado por um projeto cuja implantação gerava um resultado final. Criatividade e inovação, ao contrário, são categorias que estão no núcleo do processo produtivo e organizacional contemporâneo, remetendo à ideia de mudança como algo constante e permanente.

De modo similar, o universo acadêmico também tem sido permeado por esse discurso de inovação, porque, há uma característica central e específica do novo estágio do capitalismo do conhecimento: os negócios têm se tornado cada vez mais acadêmicos, assim como a academia tem se tornado cada vez mais orientada pelos negócios.

Sendo assim, percebe-se que “Inovação” tem sido considerada como palavra da “moda”, é como se ela significasse esperança, desenvolvimento e riqueza. No entanto, é preciso questionar, em que é preciso inovar, qual o entendimento desta palavra para um país em crescimento e desenvolvimento econômico? Como é possível inovar de forma eficiente, positiva, de forma a valorizar o trabalhador brasileiro e gerar renda e trabalho para muitos? O tipo de inovação que se busca é apenas para manutenção do *status quo*? Ou seja, para propulsão de um mercado consumidor? O que se busca é a competição por mercados? Qual seria o papel das IES neste meio?

No mercado educacional, a expansão desordenada do número de matrículas nas IES privadas, que hoje corresponde a 74,6% das matrículas, passou a exercer grande influência sobre as políticas educacionais. E o governo, apesar de ter criado algumas políticas para ampliar o número de vagas, matrículas, *campi* e universidades no setor público como o REUNI, passou a adotar uma postura mais flexível, como por exemplo, a expansão cada vez maior da EAD, o que remete a uma grande dúvida se o aumento do acesso será acompanhado de qualidade, que interfere decisivamente para a boa



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

formação dos futuros profissionais do mercado ou se haverá apenas um acesso maior “descontextualizado”. (SANTOS E IOSIF, 2012)

Este trabalho, portanto, buscará compreender como os envolvidos com o ensino superior em Brasília – Ministério da Educação e Cultura, Ministério da Ciência e Tecnologia e Universidades brasilienses compreendem por inovação dentro de um contexto de expansão do ensino superior no país. Tem por objetivo geral compreender os significados da inovação, no ensino superior e como objetivos específicos identificar, nas universidades da cidade de Brasília, elementos constituintes das políticas para a criação de inovações, através de seus documentos oficiais e analisar pelas políticas, projetos e atos normativos como esses atores efetivamente destinam recursos e investem no desenvolvimento e implementação da temática.

INOVAÇÃO E EDUCAÇÃO

Uma das áreas que mais se fala em “transformação social” é a, educação, mas segundo Demo (2010) também é a área em que menos se inova. Nesse sentido, é preciso perceber que somente transmitir informação virou um procedimento inútil, pois a sociedade de hoje é intensa nisso. Por isso, o que pode ser decisivo nas oportunidades de vida e de mercado, parece ser a habilidade de reconstrução infinita do conhecimento.

É preciso saber “desconstruir-se” sim, sobretudo, no contexto acadêmico, mas isso deve vir acompanhado de um objetivo que contemple qualidade e que possibilite o alcance de novos horizontes de soluções, pois aprender é justamente o ir e vir sem fim da desconstrução – construção.

Há tempos, constata-se que a universidade vem se estabelecendo como espaço de formação de capital humano ¹para um mercado de trabalho ainda sem emprego suficiente e sem mão de obra qualificada. (FRIGOTTO 1984 E BELL 1973)

Para justificar esse fato, Bell (1973) pontua que as alterações na estrutura social suscitam problemas para o resto da sociedade, e isso de três maneiras. Primeiro, a estrutura social é constituída por funções planejadas que coordenam as ações dos indivíduos para a realização de fins específicos. Essas funções dividem os indivíduos, definindo modalidades limitadas de comportamento, adequadas a uma posição em particular, no entanto, os indivíduos nem sempre aceitam de pacificamente as imposições de uma função.

Em segundo lugar, ele chama atenção para as mudanças da estrutura social, que para ele, suscitam problemas de ordem também “administrativa” para o sistema político.

1

Vide pós conclusão



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

Para ele, a sociedade que se torna consciente de seus destinos e que procura controlar a ordem política, adquire muita importância.

Nesse sentido, essa sociedade, muitas vezes tende a acentuar a importância do componente técnico do conhecimento, o que ocorreu com a sociedade pós-industrial, que forçou os cientistas, engenheiros e tecnocratas a competir com os políticos ou a se tornarem seus aliados.

Ainda segundo Bell (1973), o relacionamento entre a estrutura social e a ordem política passa a representar um dos principais problemas do poder numa sociedade pós-industrial. E, em terceiro lugar, os novos modos de vida, que dependem intensamente da primazia do conhecimento cognitivo e teórico, põem inevitavelmente em desacordo as tendências da cultura, que se empenha em aprimorar ou se tornar cada vez mais antinômica e antiinstitucional.

Anísio Teixeira (2006), por exemplo, explica que cada meio novo de comunicação, quando surge, não produz necessariamente os resultados imediatos, mas muitas vezes a difusão do que há de menos interessante, embora, aparentemente popular na cultura comum.

Ou seja, para ele é como se cada novo meio de comunicação, alargando o espectro de atuação, faz com que a comunicação seja impessoal, exigindo do cérebro humano uma compreensão mais rebuscada sobre o que é valor.

Toda essa imensa revolução dos meios de comunicação não poderia deixar de criar, em sua fase inicial, antes a confusão do que o esclarecimento, sobretudo porque esses meios não foram sequer conservados na posse dos grupos responsáveis pela educação do homem, como a escrita e a imprensa, por exemplo, de certo modo se mantiveram, mas se fizeram recursos para a propaganda e diversão comercializada, quando não para o condicionamento político e ideológico do homem. (TEIXEIRA, 2006, p. 190)

Nesse sentido, o papel, por exemplo, do professor universitário e da própria IES vai perdendo o seu sentido, porque com a expansão desses meios de comunicação, o mestre passa a ser um contribuinte para a formação do estudante, que recebe com relativa desordem pelos meios de comunicação, grande quantidade de informações e sugestões de uma civilização agitada por uma extrema difusão cultural e um acelerado estado de mudança. (TEIXEIRA, 2006)

POTENCIAIS E LIMITES DA UNIVERSIDADE NO DESENVOLVIMENTO DO BRASIL

Segundo Chermann (1999) a educação superior é um instrumento fundamental para se enfrentar os desafios do mundo contemporâneo, contudo, o conhecimento só



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

pode ser gerado, transmitido e criado em benefício da sociedade em instituições pluralistas e livres, as quais pressupõem a existência de uma sólida formação humanística em sua filosofia, de uma flexibilidade e de um preparo para enfrentar mudanças que o mundo, ininterruptamente, apresenta como desafio, além da capacidade constante de inovação.

Ainda segundo Buarque (1994) e Chermann (1999) a mudança da universidade obedece a um caráter cultural, porque gera questionamentos sobre os paradigmas vigentes. E, para estar em sintonia com as mudanças, a universidade não deve prescindir de ações de cooperação e solidariedade, para que possa interagir em intercâmbio de conhecimentos, forjar campos para pesquisa e extensão, criar um espaço virtual dialógico, recriar novas formas de cultura, pois é uma entidade dinâmica. Assim, a educação moderna encontra nos iluministas, nos utopistas, nos reformadores e nos revolucionários de seu tempo a tentativa de concretizar o ideal de educar humanamente todos os homens.

No entanto, é importante destacar que uma das características mais importantes da evolução institucional das universidades na época moderna se refere à autonomia.

Para identificar as potencialidades da Universidade e seus limites, diante do mundo de hoje é preciso entender primeiro as três crises em que se defronta a Universidade que Santos (2004, p. 05) identifica:

1. A crise de hegemonia, resultante das contradições entre as funções tradicionais da universidade e as que ao longo do século XX lhe foram atribuídas. De um lado a produção de alta cultura, pensamento crítico e conhecimentos exemplares, científicos e humanísticos, necessários à formação das elites de que as universidades se tinha vindo ocupar, desde a Idade Média européia. Do outro, a produção de padrões culturais médios e de conhecimentos instrumentais, úteis na formação de mão de obra qualificada exigida pelo desenvolvimento capitalista.
2. A crise da legitimidade provocada pelo fato da universidade ter deixado de ser a instituição consensual em face da contradição entre a hierarquização de saberes especializados através das restrições do acesso e da credenciação das competências, por um lado, e as exigências sociais e políticas da democratização da universidade e da reivindicação da igualdade de oportunidade para os filhos das classes populares, por outro.
3. A crise institucional, que resulta da contradição entre a reivindicação da autonomia na definição dos valores e objetivos da universidade e a pressão crescente para submeter esta última a critérios de eficácia e de produtividade de natureza empresarial ou responsabilidade social.

Nesse sentido, ao se analisar as crises que a universidade enfrenta, é possível perceber que ao mesmo tempo em que a sociedade exige respostas do capital humano



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

formado por ela, define tarefas ou atividades as quais ela deveria dar conta, ou seja, propor soluções.

A universidade, portanto, é pressionada para transformar conhecimento e os seus recursos humanos em produtos que devem ser explorados comercialmente. Nesse sentido, a posição do mercado é crucial e, nos processos mais avançados, é a própria universidade que se transforma em marca.

Segundo Santos (2004) o tema mais polêmico é o de patenteamento do conhecimento, pois nos países centrais a luta por patentes está transformando por completo os processos de pesquisa e as relações no interior da comunidade científica, uma vez que bloqueia a colegialidade dos processos de pesquisa e a discussão livre e aberta dos resultados, o que põe em alerta o próprio avanço da ciência, além de provocar uma distorção fatal nas prioridades da pesquisa. Para o autor o problema do patenteamento é um dos que melhor revela a segmentação global da produção de conhecimento, pois pode até ser relevante, mas em países onde há grande capacidade de absorção comercial do conhecimento produzido.

As Universidades, para sobreviverem têm, portanto, que estar a serviço da sociedade da informação e da economia baseada no conhecimento. No entanto, para isso, deverão atentar-se às transformações estruturais que se utilizem da tecnologia da informação e comunicação e dos novos tipos de gestão e de relação de trabalhadores do conhecimento e entre estes os utilizadores ou consumidores. A universidade aponta para um novo modelo de organização, que Santos (2004) chama de conhecimento pluriversitário, contrário ao anterior modelo universitário.

O conhecimento pluriversitário é um conhecimento contextual na medida em que o princípio organizador da sua produção é a aplicação que lhe pode ser dada. Essa aplicação é dada extra-muros, ou seja, a determinação dos critérios de relevância destes é o resultado de uma partilha entre pesquisadores e utilizadores. Desse modo, pode caracterizar-se como conhecimento transdisciplinar, que obriga a um diálogo ou confronto com outros tipos de conhecimento, o que o torna internamente mais heterogêneo e mais adequado a ser produzido em sistemas abertos menos perenes e de organização menos rígida e hierárquica.

RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E MUNDO DO TRABALHO

A qualidade da educação é vista como condição de eficiência econômica, pois as empresas consideradas de qualidade, por exemplo, exigem de seus funcionários autonomia intelectual, capacidade de pensar, de ser cidadão. Ou seja, a qualidade do trabalhador não se mede mais pela resposta a estímulos momentâneos e conjunturais, mas, sobretudo, pela capacidade de tomar decisões. Por outro lado, o sistema produtivo



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

tem sido vítima da má qualidade da educação, porque investe relativamente pouco na Educação Básica

Vive-se então numa sociedade de classe marcada pela escolarização desqualificada da massa trabalhadora e que tenta explicar os bloqueios para o acesso ao ensino a eles. Frigotto (1986) alerta que a ampliação da escolarização serve, a um mesmo tempo, para a produção imediata como para os serviços, criando neste âmbito a elevação constante dos requisitos educacionais e também funcionando como justificativa de prolongamento da escolaridade, fazendo da escolarização uma educação improdutiva, inepta, desprovida de qualidade.

O MUNDO DO TRABALHO E AS PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Ao final do século XVIII se dá o advento das liberdades de empreender, princípio da governabilidade liberal, modelada pelo Iluminismo, onde se impõem fatos através da revolução política. Já no século XIX a estrutura da liberdade se esfria trazendo consigo a individualidade negativa para todos àqueles que se encontram sem vínculos e sem suportes, privados de qualquer proteção e de qualquer reconhecimento no mundo do trabalho. Assim, se constrói o Estado Social como resposta à situação trazendo consigo alguns sistemas de garantias. Decorrendo disso, apresenta-se o mundo de hoje em que há uma enorme vulnerabilidade, excesso de coerções e enfraquecimento das proteções e garantias ao trabalhador assalariado. (CASTEL, 2009)

À luz desta realidade, cabem então as seguintes questões: Qual é o lugar de quem, em relação à organização do trabalho vigente que diz ser livre, mas carente de tudo (direitos, garantias e proteções)? Qual o destino dos indivíduos, se colocados em uma situação instável, na conjuntura em que a liberdade concedida detém o poder de sentir-se autônomo no que faz?

Parece que o país encontra-se na situação em que o indivíduos estão presos entre a obrigação de trabalhar e ao mesmo tempo impossibilitados segundo as normas gestionárias prescritas, que não são recentes, mas sim desde o início do mercantilismo com o regime feudal. (GAULEJAC, 2007) e (CASTEL, 2009) e, pois são moldados para agirem, restritos no direito de pedir e coibidos a adoecerem, fracassarem ou parar de trabalhar no que não os faz feliz.

O país em que vivemos faz surgir algumas falsas garantias ao empregado, na condição de assalariados, e pregam a ideia de dignidade por meio da relação de trabalho, com o seguinte cenário de separação entre elite, que detém o poder de estudar, trabalhar em melhores cargos, e assalariados e os de renda inferior obrigados a sustentarem a burguesia que detém a maior parcela de lucro e acesso aos bens sociais.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

Nesse sentido, entendendo que é preciso que haja certa separação entre quem tem o direito de exercer certas profissões, ganhar dignamente pelo seu trabalho e quem não pode chegar a altos escalões é possível perceber que a sociedade está aquém do dito trabalho livre, e que os trabalhadores do conhecimento tem encontrado dificuldade para achar o seu lugar segundo (Castel, 2009), porque significa também que a força do trabalho enquanto tal estabelece uma relação de troca, é comprada e vendida em função das necessidades do mercado.

No entanto, (B. GEREMEK, Apud CASTEL, 2009, p. 186) explica que a análise das formas da condição de assalariado e do mercado de mão de obra permite concluir que já na economia urbana da Idade Média, a mão de obra entrou igualmente na circulação das mercadorias, entretanto sem perturbar as estruturas econômicas e sociais fundamentais. Contudo, o processo segue sendo marginal, porque a economia experimenta ainda que pouco uma necessidade de mão de obra livre e não artesanal.

O mercantilismo marca uma etapa na consciência do valor do trabalho, um modelo que permanece envolto no modelo disciplinar, em virtude de se preocupar em maximizar todos os recursos do Reino, ele é levado a mobilizar toda a força de trabalho, onde as potencialidades não empregadas dos ociosos representam um escândalo que é preciso coibir. Por isso, se o trabalho é um valor essencial, inclusive por sua utilidade econômica, ele é um meio para realizar esta exigência política, qual seja de colocar o Reino em posição de força em face da concorrência internacional que se desenvolve no plano comercial onde a política industrial é um meio a serviço da política comercial, ela própria subordinada ao imperativo régio de aumentar o poder do Reino (Castel, 2009).

É importante entender que nem sempre o trabalho se justifica por si mesmo, pois acredita-se que o produtivismo mercantilista casa-se perfeitamente com a concepção religiosa do trabalho como resgate e com a concepção moral da necessidade de trabalhar para combater as más inclinações da natureza humana e isso sob a égide do trabalho forçado. Para promover o trabalho, o mercantilismo reativa os poderes disciplinares do espaço fechado, como reforça paralelamente a influência das regulamentações corporativistas. O valor econômico do trabalho é assim sempre subordinado a outras exigências, resultando no negativismo do desenvolvimento livre, enquadrando-se, portanto em sistemas externos de coerções.

Então, a verdadeira descoberta que o século XVIII promove não é a necessidade do trabalho mas sim, a da necessidade da dita liberdade do trabalho o que implica a destruição dos dois modos de organização do trabalho até então dominantes: o trabalho regulado e o trabalho forçado. Sendo assim, o papel do Estado é garantir que o jogo dos interesses possa expressar-se livremente.

Isso se revela verdadeiro no cenário atual, porque segundo Gaulejac (2007) é como se, hoje, os trabalhadores não gostassem de si, porque toleram tudo, pois sabem que os valores liberais se destinam a perpetuar a passividade e assim, não conseguem



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

lidar com a ideia de individualidades finitas, vivem assombrados pelos lados mais obscuros da natureza humana e odeiam as classes inferiores. Em nome do desempenho, da qualidade, da eficácia, da competição e da mobilidade, constroem um novo mundo, uma sociedade global, marcada por um desenvolvimento paradoxal, na qual a riqueza e a pobreza aumentam, assim como o conhecimento e a ignorância, a criação e a destruição, o bem-estar e o sofrimento, a proteção e a insegurança.

Vai se criando, então, uma cultura onde o alto desempenho se impõe como modelo de eficiência afetando o mundo do trabalho e conseqüentemente da educação. Consoante a isso, o esgotamento profissional, o estresse, o sofrimento no trabalho se banalizam, tornando a sociedade um vasto mercado, no qual cada indivíduo está comprometido em uma luta para encontrar um lugar e conservá-lo. Diante dessas transformações, a política, contaminada pelo que Castel (2009) chama de “realismo gestor”, parece impotente para desenhar os contornos de uma sociedade harmoniosa, preocupada com o bem comum.

Como essa ideologia gerencialista se apresenta associada a valores como o gosto para empreender, o desejo de progredir, a celebração do mérito ou o culto da qualidade, valores pelos quais os humanos aspiram, ela é constantemente exaltada e mantida. Por isso, ela é apresentada como um modelo total, um guia para levar a empresa à perfeição, implicando o conjunto de seus atores e de suas funções.

Assim, parece que estamos em um mundo que cultiva o esquecimento do passado, a desvalorização do presente e a exaltação do futuro. Convém progredir permanentemente, subir sempre mais alto e, no entanto, o que se espera do futuro? Se a qualidade, assim como a excelência e o sucesso não são adquiridos, estão em busca permanente, se nenhum esforço é valorizado e suficiente?

Com a ideia de qualidade, o sentido do trabalho é construído a partir de um modelo ideal e não partir da realidade concreta. A qualidade, portanto, é definida a partir de indicadores preestabelecidos e, não a partir de critérios reais que os agentes utilizam para definir a qualidade daquilo que eles fazem, os únicos critérios que são significativos para eles. (GAULEJAC, 2007)

A moral da inovação, segundo Gaulejac (2007) se dá justamente porque permite apresentar a empresa como um sistema dinâmico, aberto, portador de melhorias e de desenvolvimento. Propaga-se a ideia em que o crescimento é o motor do progresso e o lucro gera um benefício para o conjunto da sociedade, onde a concorrência é fator natural e cabe a cada organização se superar, numa busca acirrada pelo primeiro lugar, onde o essencial é fazer sempre o melhor e ganhar sempre e cada vez mais.

A ideologia hoje dominante transforma cada indivíduo em capital humano, em que as famílias e a educação são cada vez mais pressionadas por todos os lados a serem indústrias a serviço da economia ou empresas encarregadas de produzir filhos empregáveis e armá-los para enfrentar a guerra econômica.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

METODOLOGIA DA PESQUISA CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA Pesquisa Qualitativa

Pesquisar constitui um procedimento racional e sistemático que tem o objetivo de encontrar respostas aos problemas propostos. Para isso, é preciso um cuidadoso uso de métodos, processos e técnicas. (DIEHL e TATIM, 2004)

Para Richardson (2008) a pesquisa qualitativa é uma espécie de tentativa em compreender, detalhadamente os significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados. Gibbs (2009) aponta algumas características:

- As experiências podem estar relacionadas a práticas cotidianas ou profissionais e podem ser tratadas analisando-se conhecimento, relatos e histórias do dia a dia.
- Investigando documentos:
 - os pesquisadores estão interessados em ter acesso a documentos em seu contexto natural.
 - a pesquisa qualitativa se abstém de estabelecer um conceito bem definido daquilo que se estuda e de formular hipóteses no início para depois testá-las
 - a pesquisa qualitativa parte da idéia de que os métodos e a teoria devem ser adequados àquilo que se estuda.
 - os pesquisadores, em si, são parte importante do processo de pesquisa, em termos de suas experiências no campo e com a capacidade de reflexão que trazem ao todo, como membros do campo que está estudando.

INSTRUMENTOS DA PESQUISA Entrevista

Segundo Martins (2008) trata-se de uma técnica de pesquisa para coleta de dados cujo objetivo básico é entender e compreender o significado da resposta dos entrevistados. Richardson (2008) complementa a afirmação dizendo que a melhor situação para participar na mente do outro ser humano é a interação face a face, pois é inquestionável o caráter da proximidade entre as pessoas. E esse tipo de interação permite a possibilidade de penetrar na vida das pessoas e é elemento fundamental na pesquisa em Ciências Sociais.

Ela é uma técnica importante, porque permite o desenvolvimento de uma estrita relação entre as pessoas, por isso, existe lateralidade na comunicação, ou seja, uma comunicação bilateral. Ainda segundo Lakatos e Marconi (2003) ela também tem o objetivo de descobrir se as pessoas que estão de posse de certas informações são



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

capazes de compreendê-las e conhecer o que as pessoas pensam ou acreditam que os fatos sejam.

Entrevista semi – estruturada

Sendo a entrevista personalizada ou semi estruturada, o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido, ou seja, as perguntas são predeterminadas e são realizadas de acordo com um formulário, que deve contemplar temáticas pertinentes ao que se deseja saber dos entrevistados ou com pessoas selecionadas de acordo com um plano. O motivo maior da escolha é obter, dos entrevistados, respostas às mesmas perguntas, permitindo que todas elas sejam comparadas com o mesmo conjunto de perguntas. (LAKATOS E MARCONI, 2003)

Ao optar por esse instrumento de pesquisa, há certas vantagens, quais sejam de obter dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativas, além de conseguir informações mais precisas, podendo ser comprovadas, de imediato, as discordâncias.

Análise documental – Análise de documentos, projetos e políticas

O período de 1950-60 foi marcado por um forte desenvolvimento desse tipo de análise, estendendo-se a uma multiplicidade de áreas, que serve para descrever objetivamente e sistematicamente, (qualitativamente ou quantitativamente) o conteúdo manifesto da informação.

Em termos gerais, a análise documental consiste em uma série de operações que visam estudar e analisar um ou vários documentos para descobrir as circunstâncias sociais, políticas e econômicas com as quais podem estar relacionados.

Ainda segundo Richardson (2008), o instrumento é viável porque os órgãos públicos e privados mantêm um registro ordenado e regular dos acontecimentos mais importantes da vida social: demográficos, econômicos, educacionais etc. E esses dados podem ser a base estatística de determinada sociedade.

Assim, segundo ele, o objetivo básico da análise documental é a determinação fiel dos fenômenos sociais; a análise de conteúdo visa manipular mensagens e testar indicadores que permitam interferir sobre uma realidade diferente da mensagem.

RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

No total foram entrevistadas 09 pessoas, sendo 04 colaboradores da Universidade Católica de Brasília, envolvidos com o Núcleo de Inovação Tecnológica - NIT, 01 colaboradora do MEC, 02 colaboradores do MCTI e 02 colaboradoras da UNB via Centro de Desenvolvimento Tecnológico - CDT.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

Foi feito contato com mais 03 pessoas do MEC, no entanto, elas não dispunham tempo disponível para atenderem à pesquisa e então, optou-se em prosseguir a pesquisa, mesmo sem a entrevista delas, porque a entrevistada do órgão respondeu prontamente e detalhadamente às questões feitas.

CONCLUSÃO

Os envolvidos com o Ensino Superior de Brasília pesquisados entendem que inovação é a palavra de destaque para o desenvolvimento e avanço social do país e que isso será possível através de um grande investimento em Ciência e Tecnologia.

No entanto, parecem não compreender a finalidade real da inovação e por isso, seus discursos em torno da temática baseiam-se em exemplos de políticas e projetos implementados nos países afora que muitas vezes são transcritos com poucas ou nenhuma alteração para o Brasil, como é o caso do projeto Ciências sem Fronteiras, que nasceu de uma ideia na Noruega.

O MCTI, por exemplo, através da Estratégia Nacional de Ciência e Tecnologia delinea alguns eixos para que a inovação seja promovida. Mas o investimento em educação, formação e capacitação de recursos humanos é relativamente igual aos demais eixos, como se fossem áreas com o mesmo tipo de necessidades.

Na estratégia, o documento, revela que apesar da forte expansão do número de graduados no ensino superior nos últimos anos, a formação de engenheiros ficou aquém das necessidades do país, lacuna que ficou evidente com a recente aceleração do ritmo de crescimento da economia brasileira. Apontando, portanto, que o déficit existente neste segmento é um dos obstáculos centrais para a dinamização do processo de inovação no âmbito das empresas e das IES. (ENCTI, 2011)

E, por mais que fosse maior, o entendimento da função - papel da Universidade é restrito, porque inovação para os órgãos pesquisados é muito mais um processo para trabalhar com profissionais já especializados para a solução de alguns problemas que a sociedade enfrenta, do que o investimento em capacitação inovadora para que os jovens possam se desenvolver numa cultura de inovação, que planeja ações para evitar problemas futuros e não apenas para sanar problemas já existentes.

Com a estratégia elaborada pelo MCTI, entende-se que o Brasil tem estado num descompasso entre acesso ao ensino superior e qualidade no ensino superior, ou seja, aumentou a quantidade de pessoas com nível superior, mas a qualidade não acompanhou este processo.

As estratégias utilizadas para investimento em inovação na área da educação são projetos de intercâmbio de estudantes, através da Capes para que eles entendam o que é inovação nos outros países, que, por conseguinte, têm características de formação e



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

desenvolvimento diferente dos nossos. Por exemplo, a maioria dos estudantes, buscam fazer intercâmbio em países com o grau de desenvolvimento mais elevado que o Brasil, o que não é ruim, mas diferente do contexto das necessidades brasileiras.

A maioria dos entrevistados, nesta pesquisa, por exemplo, entendem que inovação não é papel da Universidade, mas das empresas. Esse entendimento pode ser explicado, inclusive porque nos demais países já desenvolvidos isso acontece nas empresas.

Contudo, no Brasil, há algum tempo o ensino superior era para poucos e hoje revela-se pouco transformador, ou seja, o cenário é sugestivo de uma educação bancária, sem qualidade e sem investimento. Greves, altos índices de repetência, reprovação e ainda desmotivação dos estudantes, falta de professores qualificados são fatores que inviabilizam a capacitação e, conseqüente, a inovação dentro das organizações, porque o profissional que sai das universidades é o mesmo que procurará emprego nas organizações que pretendem inovar.

À Universidade urge questionamentos, ou seja, sua função sua razão de existir é justamente para proporcionar conhecimento superior, para trabalhar com o tripé ensino, pesquisa e extensão. No entanto, trabalhar com este tripé de forma inovadora é analisar os fins da inovação para a comunidade que a circunda.

O intercâmbio de conhecimentos entre a Universidade e a comunidade, bem como exemplos, projetos de boas práticas de outros países podem ser ferramentas para uma melhor inovação na concepção de que ensino temos e qual ensino queremos, inclusive para resituar o papel da Universidade e não o contrário, copiar projetos que já existem em outros países, com organização social bem diferenciada da organização do Brasil.

Assim, sugere-se redimensionar e entender a finalidade da inovação para não se enganar no entendimento majorante e restrito que foi demonstrado nesta pesquisa: que a inovação é necessária e defini-la como processo de mudança de um produto, processo ou serviço ou ainda conceituá-la como inovação radical – surgimento de pesquisa nova com produto ou incremental, melhorias no processo, produto ou serviço.

Necessário se faz questionar e entender que se a inovação não é papel da Universidade, tampouco será de fácil implementação nas organizações. Como inovar nas organizações sem pessoal capacitado? Sem cultura de inovação, como mesmo pontuou um dos pesquisados da UCB?

Sugere-se que a universidade trabalhe com o conceito de inovação a partir da valorização do intercâmbio de conhecimento entre Universidade e Comunidade, valorizando assim o conhecimento tácito da comunidade em que ela se encontra inserida. Essa valorização da extensão universitária permitirá diagnosticar para onde a Universidade precisa caminhar. Que tipo de profissional ela precisa formar. Pesquisas essas que precisam considerar o educando como ícone do processo de inovação.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

A valorização do aluno, dos conhecimentos da comunidade, da pesquisa, portanto, viabilizarão o processo de mudança na concepção da Universidade e ainda do seu papel de provedora de conhecimentos para um mercado que ela mesmo irá desenhar.

Portanto, além da Universidade se resignificar, urge que os demais órgãos envolvidos com esta pesquisa, percebam a importância de se investir na reestruturação da educação superior para consequentemente investir nos projetos inovadores, que até podem amadurecer no seio das empresas, conquanto será viável, se existirem profissionais críticos, capazes de compreender a finalidade da inovação, além do lucro, da capacidade de posicionar-se concorrentemente num mercado de competição acirrada, mas que seja possível a compreensão do desenvolvimento de ideias que atendam as necessidades de todos e este nível intelectual e cultura inovadora seja fecundado a partir da Universidade.

Notas Explicativas

1. Na estrutura dos capitais, o “capital fixo” corresponde à maquinaria, o “capital variável” aos salários e o “capital humano” ao capital oferecido aos seres humanos, na valorização da saúde e educação para o profissional. O capital humano, em seu conceito, se conflitava com a noção humanistas do pensamento esquerdista socialista, por considerar os seres humanos uma espécie de capital para as empresas.

O capital humano atribui um valor para cada indivíduo, e esse valor é utilizado para o crescimento da empresa dentro das medidas políticas e pragmáticas de cada gestão empresarial.

No mundo atual, bens tangíveis (produto) são facilmente copiados num processo de similaridade mercadológica da qualidade entre concorrentes. Para manter-se à frente dos concorrentes, as líderes de mercado, para a manutenção de sua capacidade competitiva, necessitam de grande ideias inovadoras que provêm de pessoas, de profissionais talentosos e capacitados. Nesse contexto, tornou-se necessário um crescente investimento em capital humano.

Fonte: REBOUÇAS, 2007. In _____ <http://www.infoescola.com/administracao/capital-humano/>. Último acesso em 19 de Setembro de 2012.

REFERÊNCIAS

BELL, Daniel. **O advento da sociedade pós-industrial**. São Paulo: Cultrix, 1973.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CHERMANN, Luciane de Paula. **Cooperação internacional e universidade: uma nova cultura no contexto da globalização**. São Paulo: EDUCC, 1999.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

DEMO, Pedro. **Rupturas urgentes em educação. Ensaio:** aval.pol.publ.Educ.V.18, n. 69, p. 861-872. Rio de Janeiro. Out/Dez 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40362010010900001&script=sci_arttext> Último acesso em 20 mar. 2012.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas:** métodos e técnicas. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

FONTENELLE, Isleide A. **Para uma crítica ao discurso da inovação:** saber e controle nocapitalismo do conhecimento. São Paulo: ERA, V. 52. N.01. Janeiro – Fevereiro, 2012

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva:** um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista. São Paulo: Cortez, 1984.

GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social:** ideologia , poder gerencialista e fragmentação social. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2007.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

IOSIF, Ranilce Guimarães (org). **Política e Governança Educacional:** contradições e desafios na promoção da cidadania. Brasília: Universa, 2012

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de Caso.** São Paulo: Atlas, 2008

RICHARDSON, Roberto Jarry; et al. **Pesquisa Social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no Século XXI:** Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2011.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação e universidade**: conhecimento e construção da cidadania. *Interface (Botucatu)* [online]. 2002, vol.6, n.10. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v6n10/15.pdf>> Acesso em 03 dez 2011.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. **Educação e o mundo moderno**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006